26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

XXVI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXVI ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL CRÍTICA: METODOLOGIA APLICADA

CRITICAL MEDIA AND INFORMATION LITERACY: *APPLIED METHODOLOGY*

Anna Cristina Caldeira de Andrade Brisola – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)
Thiago Cury Luiz – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa-ação de pós-doutoramento que desenvolveu e testou uma metodologia educacional fundamentada na Pedagogia Crítica de Paulo Freire para o enfrentamento da desinformação. Denominada Pedagogia Crítica da Informação (PCI), a proposta adapta o método alfabetizador freiriano — notadamente a experiência de Angicos — à educação informacional e midiática, visando promover a Alfabetização Midiática e Informacional Crítica (AMIC). A pesquisa, realizada entre 2024 e 2026, envolveu intervenções presenciais e híbridas em cinco escolas de ensino médio no Brasil (3 em Cuiabá, 1 em Belo Horizonte e uma escola indígena da etnia Bororo (Meruri-MT), além de oficinas de formação de mediadores em três estados brasileiros (MT, MG e PB) e 3 oficinas e a I Conferência Internacional sobre Educação Informacional em Sumbe - Angola. Os resultados indicam que a abordagem lúdico-dialógica, baseada em atividades brincantes, círculos de cultura e temas geradores, fomenta o pensamento crítico, a autonomia e a resiliência informacional. A metodologia demonstrou eficácia transcultural e adaptabilidade a diferentes públicos, gerando produtos como um Manual de Ideias e uma fanzine educativa. Conclui-se que a PCI, ancorada na AMIC, constitui um caminho promissor e replicável para a resistência à desinformação no contexto contemporâneo.
Palavras-chave: Alfabetização Midiática e Informacional Crítica; Pedagogia Crítica da Informação; desinformação; pesquisa-ação; Paulo Freire.

Abstract: This article presents the results of a postdoctoral action research project that developed and tested an educational methodology based on Paulo Freire's Critical Pedagogy to address disinformation. Called Critical Pedagogy of Information (CPI), the proposal adapts the Freirean literacy method — notably the Angicos experience — to information and media education, aiming to promote Critical Media and Information Literacy (CMIL). The research, conducted between 2024 and 2026, involved in-person and hybrid interventions in five Brazilian high schools, one Bororo indigenous school, as well as mediator training workshops

in three Brazilian states and Angola. The results indicate that the playful-dialogical approach, based on game-based activities, culture circles, and generative themes, fosters critical thinking, autonomy, and informational resilience. The methodology demonstrated cross-cultural effectiveness and adaptability to different audiences, generating products such as an Ideas Manual and an educational fanzine. We conclude that CPI, anchored in CMIL, constitutes a promising and replicable path for resistance to disinformation in the contemporary context.
Keywords: critical Media and Information Literacy; critical redagogy of information; disinformation; action research; Paulo Freire.

1 INTRODUÇÃO

A crise da verdade que atravessa as sociedades contemporâneas não é um fenômeno inteiramente novo — verdades e não verdades sempre coabitaram o espaço público, e a manipulação informacional remonta pelo menos a Sun-Tzu (2012). No entanto, a escala, a velocidade e a capilaridade da desinformação na era digital produziram um cenário inédito. Pessoas imersas em uma avalanche informacional tornaram-se alvos fáceis para teorias da conspiração, negacionismos e discursos de ódio, com consequências nefastas para a democracia, a saúde pública e a coesão social. No Brasil, as eleições de 2018 e os anos subsequentes foram marcados por uma enxurrada de desinformação que contribuiu para a ascensão de um governo de extrema-direita e para o boicote a medidas sanitárias essenciais durante a pandemia de COVID-19.

Diante desse quadro, a educação tem sido apontada como o caminho mais promissor e potencialmente eficaz para o combate à desinformação (Lewandowsky *et al.*, 2012, 2020; Bateman; Jackson, 2024). Mais do que a correção de fatos isolados — cuja eficácia é limitada após a crença já instalada —, trata-se de promover uma formação crítica que capacite os sujeitos a reconhecer as táticas, os contextos e os interesses por trás da desinformação, fortalecendo sua autonomia e resiliência informacional.

Esta pesquisa insere-se nesse esforço, tendo como ponto de partida uma trajetória acadêmica iniciada no mestrado (2013-2016) e consolidada no doutorado (2017-2021), no qual foi desenvolvida a tese (Brisola, 2021). No primeiro estágio pós-doutoral (PPGCI UFPB, 2022-2023), a pesquisa-ação foi aplicada em duas escolas nos estados da Paraíba e do Rio de Janeiro, permitindo os primeiros testes empíricos da metodologia. O segundo estágio pós-doutoral (PPGCOM UFMT), objeto deste artigo, ampliou significativamente o escopo da investigação.

O objetivo central foi consolidar e testar uma metodologia de educação informacional baseada na Pedagogia Crítica de Paulo Freire, denominada Pedagogia Crítica da Informação

(PCI), voltada para o desenvolvimento da Alfabetização Midiática e Informacional Crítica (AMIC) (Brisola; De Paula; Carvalho, 2024) como estratégia de resistência à desinformação. A pesquisa-ação, fundamentada epistemologicamente na Teoria Crítica e na práxis freiriana, envolveu intervenções em múltiplos contextos socioculturais, incluindo escolas de ensino médio em Cuiabá (MT), Belo Horizonte (MG), uma escola indígena da etnia Bororo (Meruri-MT) e formações de mediadores no Brasil e em Angola.

Este artigo está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, apresentamos os fundamentos teóricos da PCI e da AMIC; na sequência, descrevemos a metodologia da pesquisa-ação; em seguida, expomos os resultados das intervenções e discussões; por fim, tecemos considerações finais sobre as contribuições, limites e potencialidades da proposta.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os conceitos utilizados nesta pesquisa foram amadurecimentos teóricos advindos da tese de doutorado (Brisola, 2021) e da pesquisa-ação desenvolvida em dois pós-doutorados (PPGCI UFPA e PPGCOM UFMT). A aplicação prática do arcabouço teórico, proporcionou a adaptação para a realidade atual e o tema da desinformação. Assim foram desenvolvidos os conceitos de Pedagogia Crítica da Informação e de Alfabetização Midiática e Informacional Crítica, já explorados por esta autoria como explicado a seguir.

2.1 PEDAGOGIA CRÍTICA DA INFORMAÇÃO: FUNDAMENTOS FREIRIANOS

A Pedagogia Crítica da Informação (PCI) constitui uma adaptação da pedagogia freiriana ao campo da educação em informação e mídia. Paulo Freire (1987, 1996) propôs uma educação dialógica, problematizadora e libertadora, contraposta ao que denominou "educação bancária" — que segue um modelo verticalizado no qual a pessoa educadora deposita conhecimento em educandos passivos. Em sua experiência de alfabetização em Angicos (Rio Grande do Norte, em 1963), Freire utilizou “palavras geradoras” extraídas do universo vocabular dos educandos, imagens e diálogos para, em 40 horas, alfabetizar 300 trabalhadores rurais, simultaneamente promovendo sua conscientização e pensamento crítico social e político (Lyra, 1996; Gadotti, 2014).

A PCI transpõe esse método para a relação com a informação. Em vez de palavras geradoras, trabalha-se com “informações e temas geradores” — conteúdos, imagens, vídeos, memes ou situações comunicacionais que emergem do cotidiano e dos interesses do grupo. Em

vez da cartilha de alfabetização, utilizam-se “atividades brincantes” (jogos, dinâmicas, desafios) que, ao mesmo tempo em que divertem, provocam estranhamento, curiosidade e questionamento sobre os mecanismos da desinformação, deflagrando diálogos e espaço para explicações sobre informação e desinformação.

Os “círculos de cultura” freirianos são adotados como formato central: roda dialógica horizontalizada na qual educadores e educandos co-constroem conhecimento, partilhando experiências, dúvidas e percepções. A pessoa mediadora — figura central na PCI — atua como catalisador do diálogo, não como detentor exclusivo do saber. Conforme Gomes (2020, 2023), a mediação da informação precisa ser consciente, dialógica, estética, formativa, ética e política, fortalecendo a recepção crítica e o protagonismo social.

Pensada no contexto da desinformação, pautada na Teoria Crítica (Adorno; Horkheimer, 1985) e na Pedagogia Crítica (Hooks, 2013; Freire, 1987, 1996), é atenta às relações assimétricas de opressão, poder, domínio, exploração, controle, vigilância e manipulação e se volta para as práticas de Educação em Informação (Zattar; Barbosa; Borges, 2023; Zattar, 2020), usada aqui da maneira mais ampla e, ao mesmo tempo, radicalmente freiriana.

Necessariamente, fiel à Pedagogia Crítica, a PCI nega o estilo educacional verticalizado e depositador de conhecimento que Paulo Freire denominava de educação bancária. Através do diálogo, no que o autor denominava de círculos de cultura, educador e educando co-criam e re-criam o conhecimento na intenção de desvelar a realidade (Freire, 1987), desvelando, no caso, as informações que recebem ou buscam.

É na experiência brincante que acontece a percepção dos intrincados mecanismos de desinformação e informação. Assim, a Pedagogia Crítica da Informação, vai utilizar informações geradoras, experiência e sensibilização para promover um diálogo horizontalizado com o grupo, abrindo espaço para percepção e discussão das realidades, necessidades, características, métodos e mecanismos da informação de qualidade e da desinformação. Diferenciando um de outro a partir da percepção do próprio grupo e do conhecimento do grupo e do mediador.

A ação pedagógica precisa ser amorosa, no sentido defendido por bell hooks (2013) e Paulo Freire (1996), dialógica, que fomente a passagem da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica, estimulando o pensamento crítico, a consciência crítica e o comportamento crítico, levando às mudanças sociais, percebendo a importância da informação e do conhecimento para a construção de novas hegemonias e, consequentemente, novas sociedades, mais harmonizadas com o outro e com a natureza.

As proposições precisam ser autênticas, pautadas nas experiências do grupo e suas relações com a informação, com os outros, consigo e com o mundo, no experimentar. Por isso, a Pedagogia crítica, mimetizando a experiência de Angicos vai utilizar imagens, vídeos, músicas, textos, brincadeiras e desafios, que captem os interesses do grupo e provoquem o diálogo, assim como Freire fazia com as imagens, palavras geradoras, sílabas, vida cotidiana e cidadania.

A PCI é, portanto, uma prática gnosiológica que visa à passagem da "doxa" (opinião, crença acrítica) ao "logos" (conhecimento fundado no diálogo e na reflexão), desvelando a realidade informacional e suas relações de poder. Como ensina Freire (1987, p. 58), "toda investigação temática de caráter conscientizador se faz pedagógica e toda autêntica educação se faz investigação do pensar".

2.2 ALFABETIZAÇÃO MIDIÁTICA E INFORMACIONAL CRÍTICA (AMIC)

Se a PCI é o método, a Alfabetização Midiática e Informacional Crítica (AMIC) é o processo de conscientização a ser alcançado. A proposta parte da Alfabetização Midiática e Informacional (AMI) da UNESCO, que integra competências da Comunicação, Ciência da Informação e Educação (Wilson *et al.*, 2013). Doyle (2021, p. 62) define a AMI como um conjunto de competências, habilidades, atitudes e práticas envolvendo a relação de indivíduos, grupos e sociedades com a leitura, acesso, uso e compartilhamento da informação em suas múltiplas formas.

A AMIC expande essa noção ao incorporar a perspectiva crítica das Teorias Críticas (Adorno; Horkheimer, 1985) e da Pedagogia Crítica. Conforme Brisola, de Paula e Carvalho (2024), trata-se de reunir distintas literacias (informacional, midiática, digital, visual, algorítmica, entre outras) sob a ótica das relações assimétricas de poder, domínio, controle e manipulação. A AMIC, portanto, não se limita a ensinar técnicas de verificação de fatos (*fact-checking*); busca desenvolver a capacidade de ler o mundo informacional, compreendendo as causas, motivações e interesses por trás da desinformação.

Uma metáfora central é a da inoculação preventiva (Cook; Lewandowsky; Ecker, 2017): assim como uma vacina expõe o organismo a uma versão enfraquecida do vírus para gerar anticorpos, as atividades da PCI expõem os participantes — de forma lúdica e controlada — aos mecanismos típicos da desinformação (manipulação emocional, falsas equivalências, deep fakes, câmaras de eco etc.), permitindo que desenvolvam "anticorpos informacionais" antes que a crença se instale (Lewandowsky *et al.*, 2020).

A AMIC, usando a Pedagogia Crítica da Informação, é forjada para considerar as formas de distorção de conteúdo, para conhecer e reconhecer os estratagemas desinformativos, saber identificar necessidades informativas, para selecionar, utilizar e repassar informações de maneira íntegra e ética. A AMIC é, em sua essência, uma ferramenta de empoderamento e resistência, que também estimula o pensamento crítico e a autonomia. Não se trata de imunidade (arrogante e impossível), mas de resiliência crítica: a capacidade de suspeitar, questionar, buscar fontes, dialogar e reposicionar-se diante da informação, em um movimento contínuo de práxis (reflexão + ação).

3 METODOLOGIA APLICADA

Esta pesquisa assumiu a pesquisa-ação como metodologia, coerente com a práxis freiriana e com o compromisso de não se limitar à observação neutra — postura que consideramos ilusória e moralmente questionável diante dos danos concretos causados pela desinformação. Conforme Lewin (1946), a pesquisa-ação envolve ciclos iterativos de planejamento, ação, observação e reflexão, em espiral ascendente. Paulo Freire (1967) seguiu procedimento análogo na criação dos Círculos de Cultura: primeiro, reconhecer os interesses e questões do grupo; segundo, escolher as palavras-geradoras e preparar as didáticas; terceiro, aplicá-las dialogicamente; quarto, reprogramar a partir dos resultados.

Entendemos assim que a pesquisa-ação remete à importância de envolver os grupos sociais nas resoluções de seus problemas, com participação ativa dos sujeitos, conferindo-lhes decisão sobre as soluções propostas, envolvendo-os nos processos reflexivos de maneira crítica.

No contexto desta pesquisa, cada intervenção foi precedida de um planejamento aberto, com atividades pré-concebidas e selecionadas, mas adaptáveis, seguida de registro detalhado (notas de campo, gravações autorizadas, produção dos participantes) e reflexão coletiva no grupo de pesquisa para análise dos resultados com base nas narrativas e percepção dos pesquisadores envolvidos. Os ciclos se repetiram com diferentes públicos, permitindo o refinamento contínuo da metodologia de maneira coerente com a pesquisa-ação.

De maneira mais genérica, a metodologia pedagógica, desenvolvida utiliza linguagem acessível, memes, jogos, dinâmicas, vídeos e exercícios direcionados, apresentações e vivências, adaptados de acordo com o objetivo de cada encontro e ao público-alvo. Como aporte teórico utilizamos os conceitos de desinformação e seus desdobramentos como *fake news, deep fake* e

boatos; realizamos exposição de casos de desinformação e seus mecanismos; aplicando atividades com o fim de suscitar o interesse e os diálogos sobre a desinformação e suas táticas.

Na porção dialógica, damos espaço para que o grupo se manifeste com opiniões, casos, dúvidas e "certezas" e este recurso é utilizado para provocar e dar espaço para o pensamento crítico e às explicações sobre informação e desinformação. Sempre atentando para os níveis e dimensões da Competência Crítica em Informação (CCI), no intuito de fomentar a emancipação, a consciência crítica e a percepção de si como sujeita, sujeito ou sujeite no mundo. Além de outras explanações e exercícios desenvolvidos durante a pesquisa-ação deste pós-doutorado.

3.1 CONTEXTOS E PARTICIPANTES: NÓS NO MUNDO

A pesquisa foi realizada entre maio de 2024 e maio de 2026, abrangendo múltiplos contextos e parcerias. O público-alvo foram estudantes do ensino médio entre 14 e 19 anos, de escolas públicas, buscando características territoriais e socioeconômicas distintas e adultos, graduandos de áreas afins, bibliotecários, professores e interessados, buscando atender o que compreendemos como possíveis mediadores do método.

No Brasil atuamos em escolas de ensino médio em dois estados:

- Escola Estadual Francisco Alexandre Ferreira Mendes (Cuiabá-MT): 5 intervenções, turmas de 1º a 3º ano.
- Instituto Federal do Mato Grosso — Campus Bela Vista (Cuiabá-MT): 2 dias, cerca de 80 alunos, turmas de 1º a 3º ano.
- Escola Estadual Prof. Rafael Rueda (Cuiabá-MT): 4 horas com 40 alunos do 2º ano.
- Escola Estadual Deputado Manoel da Costa (Belo Horizonte-MG): 4 horas, 70 alunos (parceria com PADIM/UFMG) turmas de 1º a 3º ano.
- Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus (Aldeia Meruri, MT), etnia Bororo: 6 horas 15 alunos (5ª série do EF ao 3º ano do EM), 2 professores indígenas.

No Brasil e em Angola oferecemos oficinas de sensibilização e formação de mediadores. Experimentamos oficinas presenciais em Mato Grosso, Minas Gerais e Paraíba (público aberto, professores, bibliotecários, estudantes de graduação e pós-graduação); a oficina online "Educação Freiriana para resistência à desinformação" (ação solidária às vítimas das enchentes no RS) e oficinas de sensibilização e formação de mediadores remota e híbrida (presencial com participação da pesquisadora de maneira remota) em Angola (ISCED-Sumbe e Movimento

Literário ONDAKA), com 4 oficinas de sensibilização para adultos e a I Conferência Internacional sobre Educação Informacional (outubro de 2025).

4 A METODOLOGIA BRINCANTE

A metodologia PCI estrutura-se em alternâncias entre atividades brincantes (dinâmicas lúdicas) e círculos de diálogo. As brincadeiras são capazes de quebrar inseguranças, timidez, barreiras de ideológicas, culturais, de idade, de crenças e de saberes. A brincadeira "como modo de viver no presente, acompanha a abertura sensorial, a plasticidade do comportamento e o prazer de existir" (Maturana; Verden-Zöller, 2004, p.247). É notadamente interessante perceber a horizontalização que estas atividades permitem.

Em intervenções com mais dias e tempo, a metodologia brincante vai abrindo espaço para conversas mais profundas, pesquisas e amadurecimentos que precisam ir além do brincar. Contudo, em intervenções mais curtas é a metodologia brincante que permite e estimula o diálogo. Sem ela esbarramos nas barreiras e, mesmo não querendo, corremos o risco de cair no bancarismo e na verticalização da relação do mediador com o grupo.

É importante sublinhar que os diálogos e brincadeiras devem estimular o pensamento crítico e evitar enfrentamentos de "lados", ideologias ou crenças. A intenção é estimular confiança, afetos e o pensamento crítico, porque em cada situação, analogia e experiência é convidada a análise crítica de todos.

Descrevemos a seguir, brevemente, três atividades, detalhadas no Manual de Ideias (produto em finalização):

a) "Doces, perguntas e respostas" ou "Rede de Informações" – Perguntas sobre gostos, hábitos, crenças e conhecimentos são sorteadas e as respostas premiadas com doces. Existe um incentivo para responder perguntas sorteadas por outros e comentários e experiências são bem-vindos. Na versão "Rede de Informações", acrescenta-se rolos de barbante que são movimentados entre os participantes até formarem um emaranhado ou teia que representa as redes sociais, bolhas, laços fortes e fracos. Objetivo: levantar temas geradores e iniciar discussão sobre o ecossistema informacional.

b) "Análise Crítica de Imagens" – São apresentadas imagens criadas por IA, deep fakes, fotos manipuladas, memes e vídeos que circularam em contextos reais (enchentes no RS, guerras, figuras públicas) sem revelar se são verdadeiras ou não. O diálogo sobre detalhes das imagens, veracidade, intenções e tecnologias, também provoca questionamentos: "Como saber

se isso é real? O que nos leva a acreditar nestas imagens?" Como o ângulo ou corte influencia na leitura da imagem? O que é possível fazer com IA? Como detectar se a imagem é gerada por IA?

c) "Todos os telefones são sem fio" – Adaptação do jogo do telefone sem fio, acrescentando gestos ou dancinhas cujo objetivo é evidenciar como a informação se distorce em cadeias de transmissão, abrindo diálogo sobre boatos, desatenção, descontextualização e responsabilidade no compartilhamento.

Cada atividade é seguida de roda dialógica em que os participantes partilham sensações, reflexões e exemplos de sua vivência. O mediador introduz conceitos (desinformação, *fake news*, *deep fake*, viés de confirmação, algoritmos) na medida em que emergem do diálogo e provocam questionamentos, nunca de forma expositiva desconectada da experiência.

4.1 CONSTRUINDO E COMPARTILHANDO A METODOLOGIA

Como parte desta pesquisa, além de publicação de artigos e relatos de experiência já publicados, estão sendo produzidos um livro, um manual e uma fanzine. Este é um gargalo da produção científica no Brasil que depende de fomentos, aceites e publicação para serem realmente popularizados. Intenções não bastam, mas os materiais estão em finalização de produção.

a) Manual de Ideias – Documento que sistematiza conceitos da PCI e da AMIC, descreve atividades (com instruções passo a passo, materiais necessários, sugestões de diálogo e temas geradores), e orienta a formação de novos mediadores. Escrito em linguagem acessível, visa atingir professores, bibliotecários, líderes comunitários, sindicais e religiosos. Depende de financiamento para impressão e distribuição, mas será disponibilizado digitalmente.
b) Fanzine educativa – Em parceria com o quadrinista Batata Sem Umbigo, produz-se uma fanzine com quadrinhos e artes gráficas sobre desinformação, com linguagem atraente para adolescentes e jovens. Produto também pendente de fomento para finalização e impressão (Figura 1).

Figura 1 – Página da Fanzine



Fonte: elaboração própria com coautoria do artista Batata sem Umbigo (2024)

c) Coletânea acadêmica – Livro organizado com artigos de mestrandos e doutores participantes de seminário, consolidando a produção teórica do grupo sobre desinformação e AMIC.

5 ANALISANDO OS RESULTADOS NAS ESCOLAS: BRINCADEIRA, ENVOLVIMENTO E CUIDADO

Os resultados obtidos nas intervenções escolares indicam que a PCI produz efeitos consistentes de sensibilização, engajamento e aprendizado crítico. Destacamos dois episódios particularmente reveladores.

Caso 1: Escola Estadual Francisco Alexandre Ferreira Mendes (Cuiabá-MT). Após quatro dias de intervenção (dois blocos com intervalo de três semanas), os estudantes do 3º ano foram desafiados a criar e aplicar suas próprias dinâmicas para os alunos do 1º e 2º anos. O resultado superou as expectativas: os jovens produziram atividades inéditas que demonstravam

compreensão aprofundada dos conceitos (desinformação, bolhas, manipulação, comoção, checagem de fontes, pensamento crítico), além de criatividade e precisão na reprodução do formato dialógico-lúdico. A observação participante registrou falas como: "Agora eu sempre desconfio quando vejo uma imagem muito chocante" (Participante 1, 2025) e "Parei de repassar notícia sem ler tudo"(Participante 2, 2025). A capacidade de replicação autônoma do método por parte de estudantes entre 16 e 18 anos evidencia a internalização dos princípios da PCI.

Esse caso demonstrou que quando aplicado o método, ainda que em um período curto, no caso 3 dias, mas com a oportunidade de retorno, com um espaço de tempo entre as intervenções, é possível perceber que o conteúdo, desenvolvido nos primeiros encontros, foram sedimentados e absorvidos pelos estudantes. Mais do que isso, os estudantes demonstraram capacidade de replicação e até características de mediadores quando tiveram a oportunidade de replicar o método com outras turmas.

Caso 2: Escola Indígena Sagrado Coração de Jesus (Meruri-MT). A experiência com a etnia Bororo revelou limites importantes. Embora os alunos tenham participado com disciplina e interesse, a equipe de pesquisa identificou que uma única intervenção de três horas é insuficiente para estabelecer o vínculo de confiança necessário a diálogos profundos em contextos de colonialidade e desconfiança histórica em relação a pesquisadores brancos. A lição aprendida foi: a PCI exige tempo e imersão em comunidades tradicionais, com adaptação cultural cuidadosa e, idealmente, mediação por membros da própria comunidade. Esse achado dialoga com as críticas decoloniais à aplicação acrítica de metodologias ocidentais.

6 ANALISANDO OS RESULTADOS COM MEDIADORES: ADAPTAÇÃO TRANSCULTURAL

A formação de mediadores revelou-se estratégica para a escalabilidade da metodologia. No Brasil, as oficinas "Três tempos freirianos" (explanação teórica, roda dialógica, atividades brincantes) foram avaliadas positivamente por professores e bibliotecários, que relataram sentir-se mais preparados para abordar a desinformação em sala de aula, algo que anteriormente lhes gerava insegurança.

Em Angola, a parceria com Mateus Pinto professor de língua portuguesa (na época graduando do ISCED-Sumbe) e presidente do movimento literário ONDAKA, permitiu uma adaptação transcultural bem-sucedida. Frases populares utilizadas nas dinâmicas foram substituídas por provérbios locais; as imagens de análise crítica incorporaram contextos angolanos; a conferência internacional contou com rádio e TV locais, atingindo um público

ampliado. A participação remota da pesquisadora brasileira e a atuação presencial de mediadores angolanos mostraram-se um modelo eficaz de colaboração horizontal, alinhado aos princípios de co-construção do conhecimento.

A parceria extremamente frutífera com o grupo de mediadores e o ISCED permaneceu, mesmo depois do término do pós-doutorado, demonstrando os laços que a pesquisa proporciona.

No caso dos grupos de mediadores, quando tivemos a chance de dar continuidade ao contato e acompanhá-los em mediações, é perceptível o avanço autônomo dos mediadores que seguiram desenvolvendo a competência crítica em informação, a atenção à informação e à desinformação. Os mediadores seguem estudando e aplicando o arcabouço teórico ensinado, bem como desenvolvendo novas atividades adaptadas aos seus meios, demonstrando que o contato com o método abre espaço e incentiva o desenvolvimento da resistência à desinformação, bem como, o desenvolvimento da autonomia dos mediadores, enquanto interventores educativos em suas comunidades.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa-ação demonstrou que a Pedagogia Crítica da Informação, ancorada na Alfabetização Midiática e Informacional Crítica, constitui uma metodologia viável, eficaz e replicável para a resistência à desinformação. Os resultados indicam que o caráter lúdico-dialógico da proposta — combinando brincadeiras afetivas, círculos de cultura e temas geradores — promove engajamento, fomenta o pensamento crítico e fortalece a autonomia informacional dos participantes, tanto adolescentes quanto adultos.

Além disso, a pesquisa evidenciou a adaptabilidade transcultural da PCI, tendo sido aplicada em contextos urbanos diversos (Cuiabá, Belo Horizonte, João Pessoa), em área rural indígena (Meruri) e em Angola, com as necessárias adaptações culturais. A experiência na escola Bororo, contudo, alerta para a importância de tempo e profundidade no trabalho com comunidades tradicionais — um limite que futuras pesquisas deverão endereçar com metodologias colaborativas e decoloniais.

Três lições principais emergem:

A experiência brincante adere o aprendizado: As dinâmicas lúdicas criam uma "camada protetora" afetiva que torna os conceitos mais memoráveis e menos ameaçadores, facilitando a passagem da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica (Freire, 1996). Contribuem

para o diálogo em um tempo que as telas substituíram a presença e o olho no olho. Trazem presença. Provocam o pensamento crítico e a co-construção do conhecimento e do aprendizado de maneira afetiva e efetiva.

O mediador é central, mas formável: A formação de mediadores — professores, bibliotecários, líderes comunitários — é estratégia-chave para a escalabilidade da metodologia. As intervenções em escolas, por exemplo, atingem um número limitado de pessoas. Ainda que a dedicação fosse total, o alcance seria limitado, ainda que produtivo. Com a formação de mediadores abre-se o leque de atuação, promove-se a formação da pessoa mediadora no método e a constância de contato com os grupos. Uma professora de uma escola pode utilizar o método quantas vezes quiser em suas turmas, sempre que achar necessário e com uma constância e confiança que as intervenções pontuais não atingem. O Manual de Ideias foi concebido para apoiar essa formação e aplicação.

A crítica não é cinismo nem apenas julgamento: A AMIC não se reduz à desconfiança paralisante; ao contrário, visa à esperança crítica (Freire, 1992): a certeza de que sujeitos conscientes podem agir sobre sua realidade informacional, resistindo à manipulação e co-construindo sentidos mais éticos e coletivos. É processo, estímulo e hábito que se estende e amadurece ao longo da vida, quanto mais se fortalece teórica e experencialmente.

A pesquisa não está concluída; segue na fé de que este projeto possa ainda ter fôlego para continuar esperançando, como nos ensinou Paulo Freire. O maior produto talvez não seja o manual, a fanzine ou os artigos, mas as sementes plantadas — nos estudantes que criaram suas próprias dinâmicas, nos mediadores angolanos que agora replicam a proposta em suas comunidades, nos professores que relataram sentir-se menos solitários no enfrentamento à desinformação em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

BATEMAN, J.; JACKSON, D. **Countering Disinformation Effectively**: An Evidence-Based Policy Guide. Carnegie Endowment, 2024.

BRISOLA, Anna Cristina. **Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano**: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de

Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021. 295 f. Disponível em: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165. Acesso em: 2 maio 2026.

BRISOLA, Anna Cristina; DE PAULA, Claudio Paixão Anastácio; CARVALHO, Luciana Menezes. Alfabetização midiática e informacional crítica contra desinformação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2024, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: ANCIB, 2024. Disponível em: https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165. Acesso em: 2 maio 2026.

COOK, J.; LEWANDOWSKY, S.; ECKER, U. K. H. Neutralizing misinformation through inoculation: Exposing misleading argumentation techniques reduces their influence. **PloSone**, [*s. l.*], v. 12, n. 5, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0175799. Acesso em: 2 maio 2026.

DOYLE, Andréa. **Competências em informação, mídias e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero**: práticas de ensino críticas. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Rio de Janeiro, 2021. 218 f.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GADOTTI, Moacir (org.). **Alfabetização e conscientização**: Paulo Freire, 50 anos de Angicos. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014. Disponível em: https://acervo.paulofreire.org/items/a1b02d98-3000-42e3-8980-a0e6a98f5c9f. Acesso em: 2 maio 2026.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & sociedade**: estudos, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23. 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. O comum, a mediação da informação e o protagonismo social. **Folha de Rosto**, Cariri, v. 9, n. 2, p. 226-241. 2023.

Hooks, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LEWANDOWSKY, Stephan; COOK, John; ECKER, Ullrich; ALBARRACÍN, Dolores, AMAZEEN, Michelle A., KENDEOU, Panayiota, LOMBARDI, Doug, NEWMAN, Eryn J., PENNYCOOK, Gordon, PORTER, Ethan; RAND, David. G., RAPP, David N.; REIFLER, Jason, ROOZENBEEK, Jon; SCHMID,

Philipp; SEIFERT, Colleen M.; SINATRA, Gale M.; SWIRE-THOMPSON, Briony; VAN DER LINDEN, Sander; VRAGA, Emily K.; WOOD, Thomas J.; ZARAGOZA, Maria S. **The Debunking Handbook 2020**. [*s. l.*]: University of Bristol, 2020. Disponível em: https://skepticalscience.com/debunking-handbook-2020-downloads-translations.html. Acesso em:2 maio 2026.

LEWANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ullrich K. H.; SEIFERT, Collen M; SCHWARZ, Norbert; CooK, John. Misiniformation and Its Correction: Continued Influence and Successful Debiasing. **Psychological Science in the Public Interest**. [*s. l.*], v. 13, n. 3, p. 106-131. 2012. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1529100612451018. Acesso em: 2 maio 2026.

LEWIN, Kurt. Action research and minority problems. **Journal of Social Issues**, [*s. l.*], n. 2, p. 34-36, 1946. Disponível em: https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/j.1540-4560.1946.tb02295.x. Acesso em: 2 maio 2026.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

MATURANA, Humberto R.; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. Tradução Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo. Palas Athena, 2004.

SUN-TZU. **A arte da guerra**. 2. ed. São Paulo: Clio, 2012.

WILSON, Carolyn; GRIZZLE, Alton; TUAZON, Ramon; AKYEMPONG, Kwame; CHEUNG, Chi-Kim. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, 2013. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000220418. Acesso em: 2 maio 2026.

ZATTAR, Marianna. Competência em Informação e Desinfodemia no contexto da pandemia de Covid-19. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2020. Disponível em: https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5391. Acesso em: 2 maio 2026.

ZATTAR, Mariana; BARBOSA, Maria de Fátima S.; BORGES, Jussara. Educação em informação: uma proposição terminológica e conceitual. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 33, n., 2023.

AGRADECIMENTO

Agradecimento ao apoio da CAPES sem o qual esta pesquisa não seria realizada. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.